

Esperança de vida adiada

Daniela Guima

Da equipe do **Correio**

Ricardo Borba 26.10.01

Os pacientes renais de Brasília sofrem em dobro. Não bastam as dificuldades de enfrentar o tratamento de hemodiálise três vezes por semana, por quatro horas seguidas. Eles também têm de lidar com a falta de medicamentos, exames e vagas nos hospitais. Há dois meses, o Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF) não recebe importantes itens do tratamento dos renais crônicos: a substância reagente usada no exame de histocompatibilidade — teste necessário para garantir que o rim não será rejeitado; e os medicamentos *E-prex* e *E-max* usados no combate da anemia — doença comum entre pacientes renais crônicos.

A escassez desses medicamentos é muito grave. “São pacientes que deixam de concorrer a um rim que pode ser doado a qualquer momento”, diz um dos muitos médicos do área de nefrologia da saúde pública de Brasília. Ele não quer se identificar com medo de possíveis retaliações da Secretaria de Saúde do DF.

José Wilson Aleixo, 44 anos, espera pelo exame de compatibilidade desde 21 de agosto. Sem o teste, ele não pode entrar na fila de receptores de rim por doadores-cadáveres. Tampouco, fazer o exame de doador-vivo (sua irmã quer doar um rim). “Minha irmã veio de Minas Gerais só para fazer o exame e voltou pois não tinha esse material. É revoltante”, diz José Wilson.

Em entrevista ao **Correio**, o secretário de Saúde, Jofran Frejat, disse que os kits estariam disponíveis no último sábado pela manhã. Até a tarde de ontem, segundo o médico responsável pelo laboratório de histocompatibilidade, Hugo Mendonça, a remessa não havia chegado.

Hugo é o único médico da rede pública no Distrito Federal capacitado a fazer esse exame. Se ele sair de férias ou tiver qualquer outro problema que o impeça de trabalhar, os órgãos doados para o HBDF terão de ser enviados para outros estados (*veja quadro*). “É completamente inviável trabalhar sozinho”, reclama. O médico ainda diz que tem sofrido pressões constantes dos pacientes para fazer o exame e, enfim,



JOSÉ WILSON E ADMILSON SOFREM DE DOENÇA CRÔNICA NOS RINS E, POR FALTA DE MEDICAMENTOS, PODEM DEIXAR DE RECEBER UM NOVO ÓRGÃO

VIA CRUCIS QUE SE REPETE

Em 2001, os pacientes renais crônicos do Distrito Federal passaram por maus bocados. Saiba quais foram os principais problemas que ocorreram neste ano:

ABRIL

■ O secretário de saúde do DF, Jofran Frejat, ameaçou deixar de atender cerca de 250 pacientes de hemodiálise por serem de outros estados. Muitos deles, eram pacientes de cidades do entorno, como Luziânia, Valparaíso e Cidade Ocidental.

JULHO

■ Reportagem do **Correio** mostrou casos de pacientes que chegam a ficar quase dois anos na fila de espera por um rim, mesmo tendo um parente com rim compatível e disposto a fazer a doação. A

demora acontece por falta de aparelhos para fazer os exames necessários ao transplante

OUTUBRO

■ Na segunda-feira da semana passada, cinco pacientes renais denunciaram que dois rins doados em Brasília estavam prestes a ser enviados para outros estados por falta de estrutura para fazer o transplante no DF. Aqui só existe um médico que faz o exame de compatibilidade dos órgãos e ele estava de férias. Por sorte, o profissional estava de volta em Brasília e trabalhou.

entrar na fila de espera. “Alguns pacientes chegam a procurar a ajuda de pessoas influentes no hospital para me pressionar e tentar furar a fila”, relata.

Admilson Pereira Resende tem apenas 18 anos. Está fraco, pálido

e fala baixo, com voz rouca. Como todos os pacientes renais crônicos, precisa estar atento à ameaça da anemia. No exame feito no início deste mês, ele soube que sua contagem de células do sangue estava muito abaixo do normal

(19,2%, quando o mínimo aceitável nos homens é de 41%). A queda do nível de sangue no organismo é perigosa. Pode levar o paciente a maior número de infecções e, em casos mais severos, a uma insuficiência cardíaca.

A falta dos medicamentos que tratam esse problema, *E-prex* e *E-max*, traz uma nova ameaça ao rapaz: a de fazer uma transfusão de sangue. Se precisar recorrer a ela, terá de adiar seu transplante de rim por um mês ou mais. Isso porque, ao receber sangue novo, aumentam as chances de o organismo rejeitar um rim doado. Admilson diz que sua médica recomendou que ele tomasse o remédio até o final desta semana. “Se eu não tomar, será mais tempo de esperança que a gente perde”, lamenta o garoto. Indagado sobre a falta desse medicamento, Frejat respondeu ao **Correio**: “Se Deus quiser, essa semana fica tudo resolvido”. Até às 18h de ontem, o medicamento não havia chegado na Farmácia Central do Hospital de Base.

O secretário de Saúde atribuiu a

falta desses dois produtos a três motivos: 1) ao fato de a Câmara Legislativa ter demorado a aprovar a reformulação orçamentária de R\$ 5,7 milhões (foi aprovada há quase duas semanas); 2) em uma das duas licitações, a empresa que perdeu a venda entrou com recurso e paralisou o processo de compra; e 3) a outra empresa está demorando a fazer a entrega. De acordo com a avaliação do secretário nacional de Assistência à Saúde do Ministério da Saúde, Renilson Rehem, Frejat poderia ter contornado a situação.

Segundo ele, era possível declarar que esses dois produtos prioritários são uma compra de emergência e, com o devido parecer de sua assessoria jurídica, poderia comprá-los com dispensa de licitação. “Isso é previsto em lei. Se a falta dos produtos dura dois, três dias, é uma situação administrável, que não exige esse pedido de emergência”, explica Renilson. “Mas se é um produto que não tem previsão de chegar ao paciente, ele poderia e deveria ter feito a compra de emergência.”